



Outorga do Título de Professor Emérito a

Carlos Guilherme Mota



Universitas Paulopolitana

Philosophiae, Litterarum Scientiarumque
Humanarum Facultas

Ego Doctores Sandra Margarida Kitzini Philosophiae Litterarum Scientiarumque Humanarum Facultatis Moderatrix in Universitate Paulopolitana, cum actum vidissem et perlegissem quo ab huius Facultatis Magistrorum Collegio ante diem IV Kal. Jun. anno MMVIII praeclarus vir

Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota,

Historiae peritissimus,

Professor Emeritus

rile declaratus est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honoribus privilegiisque cum dignitate sua cohaerentibus et quidem sollemniter collatis iure uti ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Aedibus Paulopoli in Brasilia,
ante diem XIV Kal. Jul. anno MCMX.

Sandra Margarida Kitzini
Prof. Dr. Sandra Margarida Kitzini
Facultatis Moderatrix

José Carlos de Medeiros Lima
José Carlos de Medeiros Lima
Facultatis ab Actis



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR:

Prof. Dr. João Grandino Rodas

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz



FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETORA:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

VICE-DIRETOR:

Prof. Dr. Modesto Florenzano

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

COORDENAÇÃO:

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica da FFLCH

TIRAGEM: 400 exemplares

CERIMÔNIA DE OUTORGA
DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO
PROF. DR. CARLOS GUILHERME SANTOS SERÔA DA MOTA

Data: 18 de junho de 2009 (5ª feira)

Horário: 13h30

Local: Salão Nobre - Prédio da Administração
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária

Sumário

APRESENTAÇÃO 7

PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI

AGRADECIMENTO 9

PROFA. DRA. MARINA DE MELLO E SOUZA

CARLOS GUILHERME ENTRE GERAÇÕES 11

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A CARLOS GUILHERME MOTA

PROFESSOR FRANCISCO ALAMBERT

ORAÇÃO DO PROF. CARLOS GUILHERME MOTA, POR OCASIÃO DA RECEPÇÃO DO
TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO PELA FFLCH/USP 19

APRESENTAÇÃO



com muito prazer que dou início a esta sessão de outorga de título de Professor Emérito, ao Prof. Dr. Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota, titular de História Moderna e Contemporânea do Departamento de História.

Se fosse possível caracterizar com uma única palavra seja a sua produção historiográfica, seja a sua carreira acadêmica, ambas cheias de importância e brilho, essa palavra é *inovação*, a qual, curiosamente, está presente no título original de sua tese de mestrado *Atitudes de Inovação no Brasil 1789-1801*.

O Prof. Carlos Guilherme não inovou apenas como pesquisador, tornando-se por isso um dos grandes historiadores brasileiros de sua geração, mas inovou também como acadêmico e docente. Nessa condição inovou ao se engajar na criação do Instituto de Estudos Avançados do qual foi um dos fundadores e dirigentes.

E por último e não menos importante, inovou quando, no início dos anos 1980, na condição de chefe do Departamento de História, tornou-se responsável pela transformação do Conselho Departamental em Plenária Departamental, sistema de gestão democrática até hoje vigente no Departamento de História.

Considerando todas essas realizações fecundas, o Prof. Carlos Guilherme tem de se orgulhar e nós dele.

PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI

AGRADECIMENTO



xcelentíssima Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Profa. Sandra Nitrini, excelentíssimos membros da mesa, senhoras e senhores presentes,

Nesse momento especialmente delicado pelo qual passa a nossa Faculdade – espaço de reflexão, análise e desenvolvimento de um pensamento crítico – o Departamento de História tem a honra de ver reconhecido de forma especial um de seus professores. O Prof. Carlos Guilherme Motta, que agora homenageamos, contribuiu (e ainda contribui) à vida universitária em seus múltiplos aspectos: como professor, como orientador, como pesquisador, e com engajamento institucional. Por isso hoje estamos todos aqui reunidos: para saudá-lo por tudo que fez pela USP, pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, e pelo Departamento de História.

PROFA. DRA. MARINA DE MELLO E SOUZA
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CARLOS GUILHERME ENTRE GERAÇÕES

Dignos colegas desta Congregação,

Meu querido professor Carlos Guilherme Mota,



com orgulho que venho aqui, neste dia tão difícil, e ao mesmo tempo tão feliz. Quero especialmente cumprimentar a todos e agradecer às professoras Sandra Nitrini, diretora de nossa Faculdade, e Marina de Mello e Souza, chefe de meu Departamento (bem como a minha vice-chefe, professora Ana Paula Megiane) pela postura universitária, corajosa e justa, neste momento tão obscuro da história de nossa Universidade. As posturas destas mulheres me orgulham. Elas me representam. A reitora desta Universidade não me representa mais, nem a ninguém de bom senso e lisura democrática.

Professor Carlos Guilherme Mota, ainda outro dia, a Tropa de Choque convocada pelo Governador e pela Reitora, na nossa Terça-Feira Negra, começou a atirar nos manifestantes em frente à Faculdade de Educação e à Escola de Aplicação. Depois, veio marchando pelas ruas da Universidade para jogar bombas no prédio do seu Departamento. Assim, os gases e as balas de borracha criaram um ponte imaginária entre a Educação e a História. Sinto muito ter que elaborar, neste momento, essa triste metáfora de um caminho rumo ao abismo.

As tropas usaram o aval que o Governador, ex-líder estudantil e ex-professor, e a atual Reitora deram para que fizessem o trabalho deles: “negociar” com seus colegas, subordinados e estudantes. Não estamos na época da ditadura, quando o senhor participou da resistência contra o arbítrio. Estamos na democracia precária,

nesta frágil Sociedade Civil, que o senhor, na sequência de seu mestre Florestan Fernandes, nos ensinou a defender. E por isso, uma coisa grave aconteceu. Se a Tropa de Choque pode atirar bombas dentro da Universidade, então tudo é permitido. Acho que dias piores virão.

Mas hoje não. Mesmo que hoje o prédio da Faculdade de Direito, a mando de seu Diretor, João Grandino Rodas, esteja fechado, hoje é um dia luminoso, em meio à tanta feiúra fria. É o dia em que homenageamos um dos construtores da Universidade de São Paulo. É o dia mais importante da minha vida universitária: o dia em que eu tive a honra de falar em público sobre meu mestre, sobre o professor que admiro e com o qual tenho o compromisso moral de continuar, no melhor que eu puder, o seu trabalho no Departamento e na área de História Contemporânea, que ele defendeu em tempos difíceis – e sem a Tropa de Choque.

Um homem que já foi até mesmo anti-candidato a reitor (é o que eu ouvia, em 1985, quando era aluno da Filosofia), que apoiou desde sempre as eleições diretas para todos os órgãos da Universidade. Um homem que os funcionários mais antigos do Departamento que ele chefiou lembram com respeito e admiração. Um homem que foi eleito para ser diretor da Faculdade de Filosofia, mas que também não foi aceito pelo mesmo sistema que ainda hoje vigora. Em vez disso, logo em seguida, ele transformou essa derrota gloriosa em vitória universitária: nos deu, congregando outros mestres, pesquisadores e escritores, nada menos que um Instituto de Estudos Avançados. E como precisamos avançar em nossos estudos e na democracia, nesta Universidade e fora dela, professor Mota!

Mas como avançar? Como não retroceder ao mundo das bombas e dos conselhos de sábios? Como conseguir superar a dialética da força de um país novo, de destino aberto, com a permanência das forças coloniais que reiventam e reacomodam seu autoritarismo de nascença e barram o quanto podem a emergência da nova sociedade civil? Percebo que essas questões, tão presentes entre nós, são questões que Carlos Guilherme se fez desde muito cedo. Por isso quero comentar o seu primeiro livro, um dos mais impressionantes primeiros livros da inteligência brasileira:

Idéia de revolução no Brasil (fruto de sua dissertação de mestrado de 1967).

As histórias em torno dos livros de História frequentemente dariam outros bons livros. Algumas vezes elas são mesmo imprescindíveis para esclarecer os significados do exercício historiográfico.

Ainda em 1967, o livro seria publicado, em tiragem universitária limitada, com o mesmo título atual. "Limitada", porque um estudo marxista sobre os princípios da idéia de revolução no Brasil (ainda que tratando das revoluções coloniais) era tudo o que o regime "revolucionário" do momento não queria. Vicissitudes políticas e acadêmicas levaram o historiador a Portugal, onde, graças ao empenho de Vitorino Magalhães Godinho, uma editora portuguesa interessou-se pela obra. Mas Portugal sob Salazar também não poderia admitir um estudo sobre o pensamento revolucionário em sua ex-colônia. Carlos Guilherme estava fora de lugar e contra o seu tempo, como se pode ver.

O título alternativo pensado pelo autor, "O Viver em Colônias", agradava menos ainda nesses tempos de guerras coloniais na África. Por fim, a primeira edição comercial só apareceria em Portugal, em 1970, com o eufemístico título "Atitudes de Inovação no Brasil (1779-1801)". Entre nós, *Idéia de Revolução no Brasil* faria sua primeira aparição pública apenas em 1979, durante a anistia e a abertura política. Como se vê, títulos, e obras, radicais também podem ser exilados.

Na ex-colônia e na ex-metrópole, ambas sob regimes autoritários, o livro gerava um compreensível mal-estar. Estudando as configurações históricas de conceitos políticos como "revolução", "autonomia", "nacionalidade", a obra indicava os caminhos e impasses dos processos de dependência e independência; revelava como se estruturavam os discursos de oposição e sua práxis; mostrava os limites do liberalismo no seu espelho colonial e denunciava as formas de pensamento "ajustadas ao sistema".

Acima de tudo, mostrava como o poder se organizava contra as "misteriosas palavras" de um poeta sedicioso como Cláudio Manuel da Costa, palavras que podiam orientar o desejo de independência. "Tempos de quietação", na expressão de

Gonzaga, por certo não eram.... Carlos Guilherme, ao estudar a "projeção da revolução no mundo das palavras", revelava como os poderes coloniais foram cultivando o horror pelas ambiguidades e pelo duplo sentido, um horror que se projetava desde as minas rebeladas em 1789 até o ano em que o título de seu livro teria de ser expurgado. Ou talvez até hoje, aqui mesmo dentro da USP.

Note-se que a obra surgiu pouco antes do AI-5, no mesmo ano em que Glauber Rocha filmava *Terra em Transe*, outro retrato implacável da crise da palavra perseguida. A aproximação não é descabida. Esses discursos radicais, geniais em suas diferentes formas, eram parte da mesma crítica, da mesma voz ativa que o Golpe de 1964 veio combater. Sintomaticamente, quando Carlos Guilherme publicou seu mais controverso e radical livro, *Ideologia da cultura brasileira*, voltando-se agora ao presente e denunciando o nacionalismo retrógrado que inspirava boa parte da herança dos "Intérpretes do Brasil", especialmente dos gilbertofreyrianos, Glauber, que via em Darcy Ribeiro e no general Golbery do Couto e Silva "dois gênios da raça", já fascinado por estes e à beira de defender os militares no poder, declara detestar o livro. De novo, Carlos Guilherme estava dentro e fora de seu tempo.

No olho do furacão dos anos 60, o estudo dialogava com a recente historiografia marxista uspiana, cujo objetivo era então entender o Brasil nos quadros da crise mais ampla, não de uma "civilização luso-tropical" (como queriam os ideólogos do "caráter nacional", que Carlos Guilherme combateu, incluindo aí seu amigo, ex-professor e colega Sérgio Buarque de Hollanda), mas de um sistema colonial que se desintegrava frente às transformações mais amplas do capitalismo, do qual era a parte fraca.

Creio que aqui chegamos ao cerne da melhor tradição historiográfica que esta Universidade criou até hoje. Se a Fernando Novais, uma das grandes influências do nosso autor (e amigo de longa data), interessava explicar, na linha aberta por Caio Prado Jr., as dinâmicas estruturais da crise do antigo sistema colonial, a Carlos Guilherme coube explorar as contradições desse processo "também no nível das consciências".

Dito de outra forma, a crítica marxista uspiana (formada através da geração que estudou *O capital*) estava explicando o processo econômico. Carlos Guilherme ia no mesmo caminho, mas construiu outra ponte. Trouxe essa discussão para o campo da História Social das Idéias, tirou o foco do universo mental das elites e, com um mote de ordem política, inaugurou a bem dizer entre nós a vertente social da história das mentalidades e da cultura. E isso tudo aos 27 anos!

Foi isso que eu aprendi, na minha vida intelectual com Carlos Guilherme Mota. Foi por seu intermédio que pude entender precisamente do que falava Adorno, em célebre passagem programática de sua Teoria Estética: “a teoria dialética- caso não queira cair em mero economicismo e numa mentalidade segundo a qual a modificação do mundo se esgote em aumentar a produção – está obrigada a assumir para si a crítica de cultura (...). Se a teoria dialética se mostra desinteressada pela cultura enquanto um mero epifenômeno, então ela contribui para que o desconcerto cultural continue a se propagar e colabora na reprodução do que é ruim”¹.

Os historiadores dialéticos têm essa missão: compreender e explicar a realidade, historicamente formada, de modo a não colaborar na “reprodução do que é ruim”. Mas qual ponte liga a mentalidade, a cultura, e a realidade?

Use your mentality/wake up to reality

Este verso genial de Cole Porter, que já foi usado por Carlos Guilherme em um de seus ensaios, serve perfeitamente para explicar o sentido de seu trabalho como historiador da cultura e das idéias. Aliás, quantos historiadores usariam um verso de Cole Porter como epígrafe e projeto de trabalho? O verso, interpretado segundo nosso homenageado, é um chamado para a ação intelectual: pensar o mundo para poder transformá-lo.

¹ ADORNO, T.W. *Teoria Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p.85.

Os poetas, aliás, frequentam o mundo e a “mentalidade” de nosso homenageado. Acho mesmo que eles lhe dão régua e compasso. Drummond povoa quase tudo que Carlos Guilherme fez. Mas foi o mais *sui generis* dos poetas e intelectuais do Modernismo, Sérgio Milliet, a ponte que ligou Carlos Guilherme à vida intelectual. São lindas as histórias que ele conta sobre o encontro do jovem de 19 anos com o mestre modernista, na Biblioteca Municipal, sobre os livros que Milliet lhe deixava para ler, cotidianamente, e depois discutia com o estudante da USP, então seu funcionário. Livros de arte, poesia, sociologia, crítica literária, etc.

Antonio Candido, em um ensaio belíssimo, definiu o mesmo Milliet, que ele também admirava, como o “homem-ponte”: o elo entre a boemia transgressora dos modernistas de 22 com a geração do próprio Antonio Candido, a geração dos críticos e pensadores que abraçaram o projeto universitário da jovem USP. No final de sua vida, este poeta, historiador, crítico de arte, boêmio que tinha cadeira cativa no mitológico Paribar, construiu outra ponte com a geração uspiana posterior à geração de Candido. E essa ponte era Carlos Guilherme Mota. Através daquele intelectual oblíquo, acadêmico sem cátedra, o futuro historiador começaria seu caminho, um caminho entre gerações.

Por isso, comentando o desabusado *Ideologia da Cultura Brasileira*, Antonio Candido escreveu: “este livro é muito mais da geração dos senhores alunos do que de nós, velhos professores; é um livro muito curioso, muito vivo, onde eu vejo uma proposição extremamente fecunda para a tendência desmistificadora que é a base do contra, quer dizer, não aceitar as coisas como elas aparecem e questionar incessantemente”².

Essa definição serve perfeitamente para o livro, mas também para o seu autor. Mas ela me dá ainda mais motivos para pensar.

Na comparação entre sua geração e a de Carlos Guilherme, Antonio Candido posa de homem do passado, coisa que ele é e não é: é, porque se formou em um mundo muito diferente do de hoje; mas também não é, porque seu pensamento é

² “O tempo do contra”. In DANTAS, V. (org.). *Textos de intervenção / Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002, p. 379.

ainda atual e decisivo. E fala de Carlos Guilherme como homem de um outro tempo, mais próximo do “nosso tempo”, coisa que ele também é e não é.

Ele é, porque de fato, já produto do sistema crítico-universitário legado pela geração de Milliet e Antonio Candido, trazia uma capacidade crítica muito acentuada para se compreender a história do Brasil, enfatizando suas perversões ideológicas. Mas também não é, se entendermos “nosso tempo” (o meu tempo, por exemplo, porque sou bem mais “novo” do que eles dois) como um tempo de derrotas enormes do pensamento progressista e de esquerda, de vulgarização rebaixada do ensino e da pesquisa, das exigências de formação, um tempo de descaso com a universidade pública – contra tudo o que é público, aliás, incluindo aí o “intelectual público” e atuante, que eles representam com tanta propriedade.

Se bem entendo, o que Antonio Candido quis dizer é que Carlos Guilherme é um homem do futuro. E ele é mesmo. Estamos aqui para homenageá-lo pelo seu passado, ou seja, por tudo o que ele nos legou. Mas esse homem-ponte ainda está desenhando uma trajetória, a sua, a de sua Universidade, a de seu país, e a nossa, que seguimos seu rumo.

Em resumo, estamos aqui homenageando uma personalidade exuberante, que “aprecia e pratica um pouco de piano-jazz e participa da cultura do Manhattan e do Dry Martini”, como ele mesmo gosta de dizer. O professor Carlos Guilherme Mota é da USP, embora frequentemente de modo oblíquo. Mas é também algo além disso: ele é o feliz encontro entre o pesquisador-acadêmico, o poeta-pensador, o intelectual público, o socialista de coração e o boêmio das melhores noites paulistanas. Eu não posso sonhar com um futuro melhor que este. Pronto: para mim o dia já clareou.

Então: Saúde, professor!

E vida longa à nossa Universidade que não precisa de polícia para ser nossa.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A CARLOS GUILHERME MOTA

PROFESSOR FRANCISCO ALAMBERT

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ORAÇÃO DO PROF. CARLOS GUILHERME MOTA, POR OCASIÃO DA RECEPÇÃO DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO PELA FFLCH/USP, EM REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO.

Dia 18 de junho de 2009, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, no câmpus da Cidade Universitária da USP, no Butantã.

P

rezada Professora Dra. Sandra Nitrini, Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Presidente desta Congregação, saudando em sua pessoa os membros deste Colegiado, a Diretora de nosso Departamento de História, professora Marina de Mello e Sousa, os professores de nossa Faculdade, da USP e de outras universidades aqui presentes, o Bel. José Clóvis de Medeiros Lima, Assistente Acadêmico e Licenciado em Filosofia por esta desta Faculdade, em quem saúdo o corpo funcional e nossos alunos. Autoridades, amigos, amigas e meus queridos familiares que acorreram a esta cerimônia.

Caríssimos colegas Francisco Alambert, acolhendo com alegria sua saudação generosa, Maria Helena Capelato e Ulpiano T. Bezerra de Menezes que, para aprofundar a emoção de que se reveste este ato, conduziram-me do recolhimento na Sala da Diretoria até este Salão Nobre. Minhas amigas e meus amigos:

Hesitei em aceitar vir a esta Congregação em dias tão difíceis, quando parte da USP teve as atividades paralisadas. Mas logo concluí, após consultar Colegas e a brava Diretora desta Escola, que a Congregação é o fórum máximo de nossa Faculdade, instância que ***não pode nem deve jamais parar suas atividades, muito menos com a presença de polícia no campus.*** Pois foi no espaço e com apoio

desta Congregação que o educador Fernando de Azevedo – o primeiro mestre desta Casa a receber o título de Professor Emérito, com que hoje sou honrado -, mais Cruz Costa e Eurípedes Simões de Paula repeliram as investidas do governador Jânio Quadros, dentre outras ocorridas ao longo da vida desta instituição. Espaço em que, na pior quadra de nossa História, sob a última ditadura, a professora Maria Isaura Pereira de Queirós, intrépida liberal, assumiu a liderança das assembleias plenárias, após a cassação de notáveis mestres e do Reitor eleito Hélio Lourenço. Pretendemos, hoje, ser fiéis a eles e a elas, Maria Isaura, à Congregação e também à História de nossa Faculdade.

Antes de começar a oração que elaborei para o momento, quero deixar claro - e de maneira serena - *meu repúdio à presença, ainda agora, de polícia no campus*. E desde logo afirmo que a culpa *menor* – sublinhe-se - é da própria Polícia Militar; talvez nem seja dela, mas de quem atabalhoadamente a chama ou autoriza, pois – não sejamos hipócritas - ela foi útil e ninguém reclamou quando a cidade de São Paulo parou, naquele fatídico dia 06 de maio de 2006, aterrorizada pelos delinquentes do PCC... O então Governador, o professor Claudio Lembo, viu-se só, sem PSDB, PT, DEM, sem lideranças patronais, sindicais e universitárias, e sem *ninguém da sociedade civil a seu lado*, acolhida demais para apoiá-lo. Embora tenha havido quem o houvesse procurado, exigindo a Lei de Talião para os delinquentes rebelados.

Neste momento difícil para a universidade, o recurso à força policial somente se deve à incompetência das autoridades universitárias atuais e à falta de capacidade de negociação, capacidade que deveria embasar a gestão de uma instituição já veneranda. **A nossa USP não pode ser confundida com quartel, nem partido, nem sindicato, nem hospital de dementados** (com todo o respeito humano aos efetivos dementados). Tendo ficado óbvio que o governador José Serra anda mal assessorado e mal informado, no dia de ontem sugeri ao meu amigo professor Miguel Reale Júnior, ex-ministro da Justiça, que auxiliasse na organização de uma comissão de personalidades dos vários quadrantes político-ideológicos e culturais do Estado para assessorar o Governador no que tange à problemática atual da universidade.

Por outro lado, não posso aplaudir depredações do bem público no câmpus, nem assalto a bandeirão que onera trabalhadores e alunos carentes, nem outras ações do gênero, que considero **antipolíticas**. *Condeno tais atitudes* com a autoridade de quem foi **eleito** três vezes **pela** comunidade de funcionários, professores e alunos para chefiar o Departamento de História **em gestão paritária muito produtiva**, da qual participaram vários professores presentes neste ato; para a direção desta Faculdade, embora não tenha tomado posse; e como um dos mais votados para entrar na disputa à Reitoria em 1985. **Urge, a meu ver, para o enfrentamento dos novos tempos, renovar o conceito de ação sindical democrática neste câmpus, rediscutir o papel da Associação dos Docentes, a ADUSP – que tem uma história de lutas contra a ditadura e modernização desta instituição –, e auxiliar na atualização do papel e das linhas de ação do estudantado.** Estudantado que está ansioso por se informar e se renovar, pois a maioria silenciosa não quer engrossar as fileiras dos *nerds* e dos *yuppies* das Faculdades conservadoras e/ou “produtivas”, praticamente apenas voltadas para o mercado em que se refestela nossa burguesia mal-educada, nem participar do pseudo-esquerdismo festivo de uma *pequena burguesia predatória*, tola e desorientada. Durante a Revolução Francesa, o jovem revolucionário Saint-Just, o amigo de Robespierre, morto aos 23 anos, não brincava em serviço, nem ficava depredando o *bem comum*!

Diga-se desde logo que o qualificativo recente de “USP produtiva”, veiculado pela imprensa, em contraposição a uma “USP improdutiva”, que abrangeria nossa Faculdade de Filosofia, a Escola de Comunicação, a FAU e a Faculdade de Educação, não é nada justo e muito menos produtivo... Caso se levasse a sério a proposição de que existe uma “USP operosa” em contraste com a “outra USP”, como parece entender o professor Roberto Macedo, da FEA-USP, em artigo publicado ontem em *O Estado de S. Paulo* (dia 17 de junho de 2009, p. 2), valeria informá-lo que nossa Faculdade de Filosofia vem obtendo há tempos bons índices de alta produtividade com qualidade, tradição que data de nossos mestres humanistas, do combativo Fernando de Azevedo às gerações atuais. E fazer notar que não estamos ansiosos para nos atrelarmos ao *mercado*, nem nos agrada o ensino à distância e expedientes do gênero. **Pois nosso desafio e vocação é o da formação de quadros docentes e de pesquisa no campo**

nada rentável - diria até patriótico - das Humanidades. Formação de pessoas, em profundidade, e que só pode ser completa, portanto **crítica e densa**, a partir de trabalho presencial, obviamente. E fazer notar, ainda, que o jovem cidadão que se dirige para o campo das Humanidades raramente tem o mesmo perfil nem muito menos alimenta as mesmas expectativas financeiras, existenciais e utópicas daquele que se volta para o mercado de capitais e para o reforço do *stablishment*.

A nossa USP

Quanto à nossa USP, com raras exceções, parece afogar-se no “abraço sufocante da carapaça administrativa” (R. Faoro). Ainda parafraseando o jurista-historiador Faoro, “em lugar de renovação” (...), velhos quadros, lideranças desatualizadas e instituições anacrônicas “frustram o florescimento do mundo virgem. Deitou-se remendo de pano novo em vestido velho, vinho novo em odres velhos, sem que o vestido se rompesse nem o odre rebentasse”. A conclusão é de Faoro, em **Os Donos do Poder**:

“O fermento contido, a rasgadura evitada gerou uma civilização [**cultura institucional** ?] marcada pela **Veleidade**, a fada que presidiu ao nascimento de certa personagem de Machado de Assis, claridade opaca, luz coada por um vidro fosco, figura vaga e transparente, trajada de névoas, toucada de reflexos, sem contornos, sombra que ambula entre sombras, ser e não ser, ir e não ir, a indefinição das formas e da vontade criadora. Cobrindo-a, sobre o manto de ar, a túnica rígida do passado inexaurível, pesado, sufocante.”¹

“Nossa USP”, ah! a nossa USP... Talvez tenha se distanciado das propostas de seus criadores, ficando demasiado atrasada do ponto de vista administrativo, fora do compasso nacional de *abertura* que se assistiu no país em relação às universidades federais e mesmo em relação – por exemplo – à UNICAMP. *Nossa Faculdade de*

¹Raymundo Faoro, **Os Donos do Poder**. Formação do Patronato Político Brasileiro. 4ª edição, São Paulo: Editora Globo, 2008, p. p. 837.838. Prefácio de Gabriel Cohn.

Filosofia, colocada no centro do organograma de 1934, procurando historicamente sempre fugir desse abraço burocrático sufocante do atual modelo de gestão, por não desejar ser apenas uma sombra que ambula entre sombras, e por isso aparece hoje (sobretudo na mídia, para muitos ingênuos e desatentos), como uma instituição que cultiva o radicalismo pelo radicalismo.

Nada disso! O que nós aprendemos a criticar, a partir esta Escola, é a banalização dos valores educacionais defendidos por nossos maiores (de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro a Goffredo da Silva Telles Jr., Vilanova Artigas e Florestan Fernandes) e não abrimos mão de discutir o efetivo **papel da Universidade, da docência e da pesquisa** numa sociedade de classes como a nossa, procurando romper com o padrão burocrático-estamental e autoritário centralizador, reforçado no período da ditadura. Padrão “modernizado”, ao longo de anos, por tacanhos tecnoburocratas, pseudocientistas e “juristas” de plantão.

Dado o fato de ser uma instituição complexa, em que ***a legalidade deve se aproximar o máximo possível da legitimidade, o que não vem acontecendo***, continuo defendendo a tese que sustento há 24 anos, de que ***a eleição para o posto máximo desta autarquia pública deve ser DIRETA***, pois ***só a consulta universal à comunidade assegura a estabilidade institucional nos momentos de crise, como o atual. Ou de reformas, que já tardam, e muito.***

Alguns passos nessa direção conseguimos dar quando do processo que elegeu para a Reitoria da USP o professor Goldemberg em meados dos anos 80, mas logo a instituição recuou, dada reação da cúpula. Devo lembrar todavia que alguns êxitos aquele Reitor e físico logrou, tomando decisões que por vezes passavam por cima do Conselho Universitário de então, nem sempre escolhendo (por exemplo) o primeiro da lista triplíce para Diretor de Faculdade (caso do professor Dalmo Dallari, que fez gestão marcante na Faculdade de Direito), criando o Instituto de Estudos Avançados, e assim por diante. Pois o professor Goldemberg estava em larga medida ***legitimado e respaldado pela eleição direta da comunidade*** e, em seguida, pela do Conselho, e foi fiel ao seu programa de candidato à Reitoria. Mais: desde que tomou posse, visitou todas as

Congregações, submetendo-se a debates e se informando, inclusive nesta Faculdade. Diga-se, *en passant*, que o governador era um *professor* com perfil de estadista, André Franco Montoro. Porém, daí para a frente, outra foi a história: a de fechamento do modelo universitário.

Observações preliminares

Enquanto historiador, sinto-me na obrigação de esboçar alguns comentários prévios.

O primeiro centra-se no momento atual, pois a conjuntura mundial impõe uma breve reflexão. O mundo vive, sabemos, o colapso do socialismo real, o esgotamento - e alguns casos, o fracasso - dos movimentos de libertação colonial e o ressurgimento de discutíveis populismos, coronelismos e messianismos religiosos de massa. Em contrapartida, acontecimentos históricos como a eleição de Barack Obama, a consolidação da União Européia, o despertar desta outra China e agora o Bric desafiam a imaginação histórica, obrigada a atualização tardia, sobretudo por parte dos que nos situamos à esquerda.

O segundo comentário: no plano nacional, neste país de contra-revoluções preventivas permanentes, que datam de 1822, 24, 40, 89, 1930, 37, 45, 64 etc., ainda vivemos constrangidos pelo *modelo autocrático-burguês*, como diagnosticou o professor Florestan Fernandes em 1975, em sua obra *A Revolução Burguesa no Brasil*, texto de resto pouco (ou nada) lido pela esquerda. Um modelo altamente desmobilizador e gerador de perversões políticas e ideológico-culturais. Urge rever sua última intervenção em 1994, no *Programa Roda Viva (TV Cultura)*, que recomendando sobretudo à esquerda universitária (à Direita não adianta recomendar nada...), aos petistas, tucanos e jornalistas vigilantes.

Tal modelo, autocrático e não democrático-burguês, ainda permanece em vigência na quadra atual, mal disfarçado, apesar dos movimentos de reforma e con-

testação dos anos 60, de crítica à dependência e lutas revolucionárias dos anos 70, de tortuosas conciliações dos anos 80, de impasses, conciliações e derrapagens ideológicas dos anos 90. E de inimagináveis e espúrias alianças nesta primeira década do século XXI, que enreda até o presidente-operário Lula da Silva. Esse *modelo*, diagnosticado pelo eminente sociólogo-historiador desta Casa, ***ainda não foi desmontado*** nem mesmo pelos governos Fernando Henrique e Lula. Ao contrário, reforçou-se *malgré-eux* o capitalismo selvagem e senzaleiro, contra uma *débil sociedade civil* democrática. Como advertia o historiador português Vitorino Magalhães Godinho em 1987, assistimos na quadra atual "*ao naufrágio da memória nacional e da Nação no horizonte do marketing*".

Terceiro comentário. No plano local, ou seja, na história institucional desta Escola, após o momento dos inquéritos policial-militares (os IPMs) no campus, acolitados por alguns professores de direita agindo em nome da chamada "maioria ordeira", passámos ásperamente do modelo autoritário francês de cátedras para um mal implantado modelo departamental à americana, pseudo-democrático. Para complicar, tivemos que engolir a semestralização, os chamados "Estudos Brasileiros" no modelo da ADESG, e assim por diante. Saimos da cultura do *andamento* e entramos na cultura do *timing*, dançando a música de avaliadores externos nem sempre bem avaliados...muito longe dos ideais de Anísio Teixeira, Almeida Júnior, Fernando de Azevedo.

Ainda assim nossa Faculdade, resistindo como podia, *teve e ainda desempenha* um decisivo papel de *escola requalificadora* e estabilizadora da consciência criativa universitária brasileira. Sem bairrismo, a Faculdade de Filosofia, mesmo sangrada, continua a ser uma referência maior, inclusive em termos de produção científico-cultural. Nesta Faculdade, aliás, formaram-se intelectuais humanistas do porte de Alice Cannabrava, uma das mais brilhantes professoras da Faculdade de Economia e Administração da USP – em verdade a única mulher a ocupar a Direção daquela instituição.

Quarto comentário. Nesse contexto geral e local é que se impõe a urgência na redefinição da idéia mesma de Ciências Humanas, combatendo a equivocada divisão ideológica do trabalho intelectual vigente, que nos isola enquanto especialistas que

ainda trabalhamos em compartimentos estanques. Mas, sobretudo, impõe-se a necessidade de aprofundarmos a discussão sobre a **formação de novos professores**, dada a explosão conceitual que ocorreu em cada uma das nossas disciplinas, com os (nem tão) novos objetos, métodos e técnicas, desconstruções, reinterpretações e desenganos...

Por fim, a pergunta que não quer calar: *continuamos nós, de fato, a bem formar professores combativos para a rede escolar, oficial ou particular, uma das duas finalidades precípua da FFCL, hoje FFLCH, definidas em seu Estatuto?* E nossos pesquisadores, em geral muito bons, *"estão na ponta de qual corrida"* (para evocarmos um ensaio de Roberto Schwarz)? Ora, estas perguntas não se colocam para outras Faculdades que parecem se distanciar da responsabilidade social e política. Parafraseando o que se costuma dizer do México: elas se situam muito longe de Deus e demasiadamente perto dos Estados Unidos...Eu acrescento: demasiado perto das empresas e muito longe da sociedade real, dos *desenraizados* e dos condenados da terra.

Mas, o que aconteceu com a USP, ressalvadas poucas exceções? Talvez aquilo que o escritor Alberto da Costa e Silva denunciou, referindo-se ao país como um todo:

“Acentuou-se no Brasil a propensão lusitana para confundir os domínios do privado e do público, este constantemente invadido por aquele”...

@@@@@@

Pois bem. Após estes comentários, que se impuseram por conta da atual conjuntura, da grave crise de gestão reitoral e da presença policial no câmpus, agora posso começar minha oração ...

Meus amigos e minha amigas:

“As glórias que vêm tarde já vêm frias”. (Tomás Antônio Gonzaga)

Este verso poderia ser uma bela epígrafe poética para minha alocução, quando - deveras honrado - recebo o título máximo em meu percurso, concedido pelo voto de meus pares e empenho de Colegas de meu Departamento de História e de minha Faculdade de Filosofia, a quem agradeço, um a um².

Devo confessar que nunca devi tanto a tantos, desejando por essa razão compartilhar a láurea com todos e todas aqui presentes, ou ausentes, direta ou indiretamente responsáveis pela concessão. Com menção especial a minhas filhas queridas Carolina, Julia e Tereza, minha mulher Adriana Lopez e meus familiares pacientes em face de minhas missões profissionais. Evocando também aqueles que já se foram, como meu avô, o educador Máximo de Moura Santos³, meus pais e meu antigo professor Eurípedes Simões de Paula, o maior Diretor desta escola. O saudoso Eurípedes (que lutou na FEB contra o nazifascismo), mais Ruy Coelho (preso pelo regime militar) e Azis Simão (precursor nos estudos do sindicalismo, que, na liderança de nós grevistas, enfrentou o governador Maluf durante a ditadura), todos eles grandes negociadores de conflitos, faziam nossa Faculdade e a Universidade andarem para frente, sobretudo em épocas de crise e confrontos de projetos e interesses.

O título que minha Faculdade, o meu Departamento e todos os outros nove Departamentos me conferem me transcende e ultrapassa. Pois esta é a *escola* também de Cruz Costa, Florestan, Antônio Cândido, Maria Isaura, e foi a *escola* de meus professores do Colégio Roosevelt (o da rua São Joaquim), então vagamente socialistas, João Vilalobos,

² Mais destacadamente, agradeço a iniciativa das professoras Maria Helena Capelato, Janice Theodoro da Silva, Sylvia Basseto, Ana Maria de Almeida Camargo, Maria Lígia Prado, Raquel Glezer, e aos professores Francisco Alambert e Gabriel Cohn, ex-Diretor desta Faculdade.

³ Evoco aqui, pelo lado materno, nossas raízes piraquaras (de Guaratinguetá, estudadas pelo primo historiador, Carlos Eugênio Marcondes de Moura), e que remontam ao minhoto João Maciel e a Paula Camacho, casados “na terra” em 1570. De minha mãe Amélia creio ter herdado algum senso musical e (espero) sua gentil visão de mundo.

Edith Pimentel e Deusdã Magalhães Mota⁴. Mas o Vilalobos foi decisivo em minha virada existencial e cultural, no fim dos anos 50: ainda no colégio, no ano de 1957, nos informava ele que, numa manhã azul de sábado, com um certo ar de André Malraux na Guerra Civil Espanhola e tirando uma baforada de seu forte cigarro Astória, “vivíamos nós na mesma cidade de Florestan e no mesmo país de Anísio Teixeira”.

Com tais mestres, mais alguns professores de Literatura, Química, Física, Biologia e Matemática, aprendi a gostar do “espírito” e do estilo Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que formava gente com postura algo diferente da dos egressos das Faculdades de Medicina, da Escola Politécnica, da Faculdade de Economia e Administração e da Faculdade de Direito. Lembremo-nos aliás que desta última saíram dois juristas da “linha dura”, um dos quais redator do AI-5, e outro negando a existência de torturas... embora aqui reconheçamos as lutas de uma brava minoria de professores progressistas, a exemplo dos referidos juristas Goffredo da Silva Telles Júnior, Dalmo de Abreu Dallari (presidente da Comissão de Justiça e Paz), e mais tarde Modesto Carvalhosa (ex-Presidente da ADUSP), Fabio Comparato, Miguel Reale Júnior (presidente da Associação dos Advogados de São Paulo), Celso Lafer e tantos outros.

Nossa Escola formava cidadãos e cidadãs com nova visão de mundo, a respeito dos quais o professor Antônio Cândido – referência forte porém suave em meu caminho – disse representarem então a “expressão do pensamento radical de classe média”. *E que nosso papel era o de combater todas as formas de pensamento reacionário*. De fato, nos sentíamos diferentes, missionários neojacobinos e rebeldes ainda sem causa, mas dispostos a combater a Igreja retrógrada, o liberalismo

⁴ Evoco aqui nossas raízes mineiras, pois Deusdã - meu pai, nascido em Guaxupé em 1912 - migrou para São Paulo aos 15 anos de idade, tendo passado a primeira noite em São Paulo no quartel da Força Pública, após ser recolhido na Estação da Luz em fria madrugada garoenta. Foi bedel do ginásio Moura Santos, logo escrivão e depois professor no Colégio Paulistano. Em 1944, formou-se em História nesta Faculdade e se tornou um excelente professor no ensino secundário, onde obteve por concurso a cátedra de História nos Colégios Estaduais Nossa Senhora da Penha, Presidente Roosevelt (da rua São Joaquim), Roldão Lopes de Barros e Alexandre de Gusmão (Ipiranga), nos quais colaborou na formação inúmeros estudantes que se destacaram na vida social, política, científica e cultural do país. Não deve ter sido fácil para o jovem mineiro, com poucos recursos, abrir espaço no meio europeizado e sofisticado desta escola de “grão finos”, na expressão que Jean Maugué emprega em seu livro de memórias *Les Dents Agacés*. Como está na moda evocarem-se origens humildes de figuras da República, aqui fica o registro...

oligárquico, os nacionalismos de direita, os marxismos mecanicistas, os populismos de esquerda e direita (o populismo dos sindicatos, dos ademaristas e janistas) e ajudar a *implantar o ensino público laico e universal*.

Nessa perspectiva, o verso do iracundo inconfidente Gonzaga, muitas vezes lembrado pelo saudoso historiador mineiro Francisco Iglésias, entretanto e felizmente, *não serve para mim*, ao menos nesta ocasião. Pois a láurea não chega tarde nem “vem fria”, alcançando-me na hora certa, quando a idade outonal e uma precária maturidade me sugerem ser chegada a hora de adotar o *andamento* largo dos meus mestres, e começam a solicitar os primeiros balanços, as primeiras memórias, algum repouso para meditação. E também novos escritos, talvez ensaios, algumas aquarelas, um pouco de piano-jazz...

Não vou fazer o histórico de minha formação, para não correr o risco de nabuquismo fora do lugar. Até porque, em nossa cultura, as idéias estão no lugar, embora há muito erradas e enredadas na pesada tradição da Conciliação político-cultural. Mais vale advertir - agora Emérito que sou - que *o lugar é que está fora do mundo civilizado contemporâneo*. Seria inapropriado pois tomar vosso tempo falando de minha trajetória neste momento de águas turvas em que se banha a História, a USP e a nacionalidade. Vivo estivesse, talvez o mesmo Joaquim Nabuco (Quincas o Belo) diria:

“Muitas vezes um país percorre um longo caminho para voltar, cansado e ferido, ao ponto donde partiu” (*Diário*, 11 de setembro de 1877)

É nesse ponto em que penso estarmos hoje, no Brasil, como o coelho de Alice no país das *desmaravilhas*, correndo sem sairmos do lugar, confundindo o *modo* com a *moda*, com advertia o saudoso Milton Santos, professor desta casa. Serei pois sintético. Terei tempo para ser breve (ao contrário do notável padre Vieira), porque tanta memória de perdas ilusões não teria fim. E há urgências, pois temos que recomeçar outra vez, “como paixões e epidemias”... Construir um novo futuro, mas também um passado novo!

@@@@@@

Não posso deixar, entretanto, de evocar os mestres que me tornaram *citoyen*, *citizen*, *cidadão* numa terra com baixíssimo índice de cultura política cidadã, em que podres poderes insistem em tratar a cidadania como um aglomerado de súditos-contribuintes, para utilizar conceito caro a Maurício Tragtenberg. Primeiro, recordo minhas professoras do Grupo Escolar Oscar Thompson, no Largo do Cambuci, depois os professores do Ginásio Paulistano, na rua Taguá (escola que os irmãos Pasquale compraram de meu avô Máximo), em que o jovem Dante Moreira Leite lecionou História e pontificavam os rigorosos latinistas Armando Tonioli e Celestino Corrêa Pina. Evoco depois, já no colegial, os mestres do Roosevelt da rua São Joaquim (onde estudaram Dallari, Ruth e Fernando Henrique, Novais, o primeiro da classe José Serra, que não nos passava “cola”, as primeiras da classe Heleny Guariba e Marilena Chauí, a Gigi Amaral, Fuad Saad, Nadir Cury Meserani, Caio Navarro de Toledo, a futura jornalista Irede Cardoso, depois Amélia Cohn, mais tarde o grupo-geração do Hugo Segawa e tanta gente mais). **No Roosevelt e nesta Faculdade de Filosofia também estudou nossa saudosa Heleny Guariba, que morreu na luta contra a ditadura e cujos restos mortais até hoje não foram encontrados.**

Desde então líamos o *Suplemento Literário do Estadão*, as revistas *Anhembi*, *Revista Civilização Brasileira*, *Revista Brasiliense*, *Tempo Brasileiro*, a antiga *Senhor*. Já professor iniciante, recordo os colegas do Colégio Estadual Roldão Lopes de Barros, no Cambuci, onde eu aprenderia a dar aula para o ginásio e a cultivar idéias, livros e cerveja no bar em frente, com a moderníssima Diretora Maria Aparecida do Val Penteado, comunista formada por esta Faculdade, a inesquecível Secretária Acadêmica Helena Rolim e jovens professores de variada indisciplina. Foi minha primeira experiência transdisciplinar líquida e incerta...Passadas quatro décadas, relembro queridos alunos e alunas daquele tempo, bons cidadãos em postos de destaque.

Mas quero aqui evocar meus professores jacobinos **desta Faculdade**, então na rua Maria Antônia, onde eu reencontraria o elegante professor Vilalobos, todos nós depois amassando barro para alcançarmos o prédio da Antiga Reitoria, onde mais tarde atuaria-

mos ao lado de alguns girondinos paulistas de esquerda. Marcante a atuação do professor *sans-culotte* Florestan (com seu avental branco e sobrancelhas espessas), a quem tanto devo na compreensão do que vem a ser *uma verdadeira Escola*, fornecendo ainda a chave para o deciframento desta sociedade...Deixou-me ele sobretudo lição de urgência na *requalificação* do trabalho dos cientistas sociais, da pesquisa e do empenho do intelectual. E do papel dos historiadores nessa requalificação, que aqui sinalizo aos mais jovens desta Faculdade. Revelou-me Florestan outros níveis de *historicidade*, para se pensar nossa cultura, nosso tempo e a mim mesmo.

Ainda sobre nossa Faculdade, diga-se que Júlio de Mesquita Filho, do Estadão, foi um de seus principais criadores e seu defensor radical. Reafirmava sempre que a nova escola deveria situar-se e se manter como centro aglutinador no organograma de USP. Nossa Faculdade deveria ser o *locus* em que se produziria a “ciência fundamental”, a Filosofia. Nos anos 40, nossos antigos professores testemunharam seu discurso de paraninfo da primeira turma de formandos, que provocou forte protesto dos diretores das Faculdades tradicionais e autoridades. Foi o primeiro duro embate da Faculdade. Anos mais tarde, sob a ditadura de 64, um grupo de três professores (não por acaso) da Poli, da Direito e da Medicina compuseram o “colegiado” que elaboraria a lista dos cassáveis e os entregaram às autoridades militares de Brasília...

Embora em 1968 em cada Faculdade houvesse reuniões secretas mais amplas, para o levantamento de nomes “cassáveis” em toda a USP (informação que nos deixou escapar o professor Eduardo França), foram três os grandes professores-inquisidores encapuzados, “patriotas” que forneceram os nomes do “réus” ao governo militar no qual serviam Gama e Silva e Tarso Dutra. Eram eles Moacyr do Amaral Santos (Direito), Teodoreto Souto (Politécnica) e Jerônimo Campos Freire (Medicina). Documentação para a História dessa barbárie que desabou sobre nossa instituição pode ser encontrada no **Livro Negro da USP: o controle ideológico da universidade** (São Paulo, ADUSP, 1978). História incompleta, diga-se, pois em quase todas as Faculdades e Departamentos houve denúncias explícitas ou encapuzadas. Triste a lembrança de algumas figuras que deslizavam reptilmente pelos corredores emsombrecidos, felizes com seu “prestígio” de pseudoautoridade naquela etapa de perseguições...Novas pesquisas revelarão pormenores inesperados.

Hoje, nossa expectativa é a de que estas lembranças sirvam aos mais novos professores e alunos, para uma reconstrução histórico-crítica de nosso passado recente. E para despertar a imprensa destes dias atuais, pois também ela – com raríssimas e ralas exceções - perdeu o rumo nesta era de massificação grosseira e banalização do papel da Universidade e da Escola na construção da Nação.

Abertura ao estudo das Civilizações

Sou grato portanto à nossa Faculdade de Filosofia, instituição em que sempre se cultivou o *espírito universitário*, que neste outono paulistano com suas nuvens de azul plúmbeo - tão caras a Sérgio Milliet - buscamos aqui, no desterro do Butantã, como uma *madeleine* parada no ar. Naquela escola da rua Maria Antônia e naqueles bares e restaurantes (nos bares do Zé e do Osvaldo do Grêmio, no Gigetto, Pandoro e no Paulino, onde nos acotovelávamos com o pessoal do teatro, do cinema, da música e do nada) eu aprendi que, na História Geral da Educação e da Cultura, *a Faculdade de Filosofia (na verdade, a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) é a mais bela das idéias surgida desde os gregos*. Definição forte, sempre repetida pelo inquieto estadista da educação Anísio Teixeira, que, com Fernando de Azevedo, fôra dos principais autores do *Manifesto dos Pioneiros da Educação*, circulando em nossa escola da Maria Antônia, por vezes, atravessando a rua, indo ao Mackenzie para ver seus amigos presbiterianos. Dois educadores que criaram também o Centro Regional de Pesquisas Educacionais, instalando-o no campus do Butantã.

Na Maria Antônia pude aprofundar leituras do colégio, como a da *Paideia*, de Werner Jaeger, as obras do Dilthey, Rickert, Erich Fromm, Cassirer, Colingwood e do então popular e criticado Arnold Toynbee. Ler estudos sobre Jesus, Zapata, Gandhi e Roosevelt. E, para descobrir o Brasil real, os estudos de Euclides, Caio Prado Júnior e Celso Furtado. Comecei então a frequentar as grandes coleções de História da Civilização, como a *Clio*, a *Cambridge Modern History of Civilisations*, a *Peuples et Civilisations*, sobretudo a *História Geral das Civilizações*, dirigida por Maurice Crouzet e traduzida por intelectuais como Vítor Ramos e J. Guinsburg, tudo por iniciativa de

Eurípedes e do “criptocomunista” (têrmo da época) Paul Monteil, da DIFEL. Curioso personagem, esse Monteil, cuja obra hercúlea editorial, em que se inscreveu a *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda e depois por Bóris Fausto, aguarda estudo de um de nossos atentos mestrandos ou doutorandos. Um tipo muito especial, que pontificava com seu cachimbo na Livraria Francesa, na rua Barão de Itapetininga.

Mas ao Eurípedes é que devemos a abertura para o estudo das *civilizações*. Quantos historiadores estrangeiros ele convidou para nossa Faculdade! Frédéric Mauro, Godinho, Glénisson, Kellenbenz, Phillipe Wolf, Mollat, Bruand, Vercauteren, Barradas. Ajudou-nos depois a trazer a São Paulo o Soboul e o Godechot, historiadores notáveis da Revolução Francesa, e muitos outros, sempre aproximando-os dos estudantes⁵. Criou um impactante setor de **revistas especializadas** publicadas em várias línguas, o melhor do país, ao qual íamos com espátulas na mão... Brigava como um leão para incluir no orçamento da USP as assinaturas daquelas fontes de atualização. Sem internet, fax e outros recursos, respirávamos a cultura historiográfica mundial daquele tempo.

Naquela época li também o Marx, o Weber, mais Lukács e Lucien Goldman, confesso que li pouco o Durkheim porém muito o Mannheim, Sartre, Simone de Beauvoir (esta, desde o colegial, conversando com minha irmã Amélia, especialmente sobre as **Memórias de uma Moça Bem Comportada**, para entender melhor minhas inquietas colegas e os novos valores com os quais nos debatíamos). A obra de Sartre e Simone, magistralmente traduzida por Milliet, constituía referência alta, serena e ao mesmo tempo inquietante. Pude então assistir às aulas e conferências sobre marxismo e existencialismo do franco-brasileiro Michel Debrun (outro crítico da Conciliação), do marxista diferenciado Soboul (Sorbonne) e do austero liberal jacobino Godechot (o *doyen rouge* de Toulouse, com quem estudei em 1967/68). No movimento de 68, Soboul,

⁵ A partir da vinda de Soboul e Godechot, na fase mais difícil da repressão ditatorial, estabelecemos uma linha de comunicação com Kátia de Queirós Mattoso, então em Salvador, Bahia. Kátia se especializara na difusão das idéias da Revolução Francesa no Brasil, ampliando os estudos precursores de Braz do Amaral, Rodrigues Lapa, Amaro Quintas e Luis Henrique Tavares; tornou-se, mais tarde, a primeira catedrática de História do Brasil na Universidade de Paris (Sorbonne), posto hoje ocupado por Luis Felipe de Alencastro.

desobedecendo orientação do PC francês, desfilou ao lado dos estudantes; Godechot posicionou-se a favor da reforma universitária, ao lado dos estudantes e colegas progressistas, contra a administração central de Paris. Destes três últimos, me tornaria amigo e, de certo modo, discípulo, numa complexa combinação de teorias que nem mesmo a mente teórico-epistemológica de Gabriel Cohn deslindaria...

Ocorre que, em 1964, pelas mãos do Eurípedes, chegou a São Paulo um personagem surpreendente, Joaquim Barradas de Carvalho, então exilado em Paris, com 44 anos. Comunista, aristocrata romântico com alma socialista, braudeliano à portuguesa, antisalazarista iracundo, vinha em missão franco-brasileira para lecionar História Ibérica na Faculdade, juntando-se a nós que iniciávamos a docência naquele ano fatídico. Aqui Barradas deixou-se ficar por vários anos, cumprindo papel decisivo na formação de inúmeros pesquisadores, talvez mais do que todos os franceses somados. Fez inúmeros amigos, atuava conosco na USP, mas também nas “universidades” Riviera, Gigetto, Paribar, Arpège, no Fasano da calçada da Paulista, Pandoro, no Frevinho, nos botecos...Tendo eu então 23 anos e Barradas 44, ele se tornaria uma de minhas melhores amizades, vindo a falecer muito cedo, em Lisboa em 1980, aos 60 anos. A ele devo a minuciosa revisão do texto introdutório do *Brasil em Perspectiva*, coletânea de artigos da nova geração de historiadores coordenada por mim, a “génération que monte”, como Frédéric Mauro escreveu na revista *Annales*.

Insistia ele para que lêssemos melhor Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Caio Prado Júnior. Mas igualmente o esquecido Cruz Costa, para aprendermos a *pensar o pensado*, como sugeriu Machado de Assis na **Teoria do Medalhão**. Ensinou-nos a fazer pesquisa à lupa, martelou algumas frases que ficaram em nossa formação. Didatizou para nós as teorias braudelianas sobre os tempos históricos, a *longe durée*, a lentidão dos movimentos civilizacionais...O historiador José Ribeiro Júnior chegou a compor um samba de breque inspirado no Moreira da Silva, todo à base de formulações barradeanas, citando até o *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira, o verdadeiro “descobridor” da *Terra brasilis*... Naqueles anos, chegamos a dar aulas juntos, com meu melhor ex-professor, Fernando Novais, e nos deslocávamos os três das salas de aula para os bares (onde sempre encontrávamos Bento Prado Júnior, o mais brilhante de nossos filósofos, e outros, como o educador Celso Beisigel, lecionando

do vida na rua Nestor Pestana), para o Teatro de Arena e depois para o Oficina (onde Guarnieri e José Celso ensinavam a História do presente), e para o mundo, enfim. Nesse alto astral (“Apesar de você”, como disse Chico Buarque da ditadura), com alunos e alunas borbulhando em volta, mais um aluno-colega e ex-capitão do Exército cassado, homem de esquerda que nos ajudara a “tomar” o prédio da Faculdade na rua Maria Antônia em 68, Hélio de Alcântara Pinto (depois carismático professor, e mais tarde assessor do deputado Florestan), o Joaquim Barradas tornara-se exemplo modelar e tolerável da teoria gilbertiana de adaptação do português nos trópicos.⁶

Idéias e paladares fora do lugar? Oh pá!... Em 1968, estava esse aristocrata marxista-braudeliano conosco nas barricadas e debates nas ruas Maria Antônia e Doutor Vila Nova, assim como o alemão Bertolt Zilly, o tradutor de *Os Sertões*, Joseph Love, Warren Dean, Michael Hall e outros... E, mais tarde, lecionando em nosso exílio no Butantã. Toda uma época, enfim, em que nada era banal e que a universidade – e ser *universitário*, ser **professor** – contava muito do ponto de vista social, político e cultural, tanto local, como nacional e internacionalmente. Enfim, sem fax, DDD, internet, *powerpoint*, *round table workshops*, *coffee-break*, *pendrive* e CAPES (que ainda trazia a boa inspiração de Anísio, que Renato Janine Ribeiro tentou redimensionar) comunicávamo-nos muito mais do que hoje. Tempo em que a universidade e suas congregações vivem em silêncio ensurdecedor, salvo raríssimas exceções. Banalizadas, muitos professores - não todos – passaram a cultivar a ideologia das ilusões perdidas, em face da “maioria ordeira”, e as literatices do desencantamento e da desconstrução. Ou seja, fomos apanhados nesse danoso “retour de la mélancolie des intellectuels du vieux continent” denunciado por Wolf Lepenies, na aula inaugural no Collège de France no ano de 1992, alerta que, para não fugir à regra, chega com atraso ao Brasil.

Em situações de crise, como a atual, havia **liderança**. Sob pesada ditadura, recordo-me do Diretor Eurípedes em 1977 recebendo alunos em passeata-mostro na

⁶ Barradas insistia conosco que o vinho Granja União e o uísque Drury's eram razoáveis, e que o rio Pinheiros lhe evocava o Sena...

porta deste edifício, enquanto policiais e um helicóptero militar os vigiava, voando muito baixo. Nosso Diretor vestiu seu avental branco e dirigiu-se calma e lentamente à calçada para dialogar com os estudantes, aos quais recomendou, desde logo, que todos se sentassem no chão para conversar. Acomodados no cimentado e nos gramados, o professor atendeu de pronto algumas reivindicações banais e deixou outras para tratar com uma comissão de alunos, logo recebida em sua sala diretorial. Para acompanhá-lo, apenas o professor José Sebastião Witter e eu, mais o secretário da Faculdade, o elegante Eduardo Ayrosa. Em seguida, fazendo blague, despachou sorridente os alunos para continuarem a passeata:

- "Agora, continuem sua caminhada. Vão azucrinar o Diretor da Poli...

Ainda no capítulo das influências, abro parênteses para assinalar que, em nossa disciplina de História Moderna e Contemporânea, utilizávamos muito as obras de Huberman (a *História da Riqueza do Homem*), Sweezy, Baran e Dobb, e pouco depois, do Hobsbawm. Tudo combinado com Huizinga, Burkhardt, Marc Bloch, Denis Hay, Boxer, meus mestres e amigos Godinho e Stanley Stein, e outros, que Novais nos inculcava com rigor, como Gino Luzzatto e Heckscher, que líamos trêfega e tropeadamente com nossos alunos em italiano e inglês... Acima de todos, líamos o grande Lucien Febvre, do qual Eurípedes traduziu e publicou em 1950 um texto inaugural do número 1 de nossa tradicional *Revista de História*, como a sinalizar que o importante era fazermos a História ampla, generosa das *civilizações, das culturas, das mentalidades*... Dos brasileiros, li muito e frequentei o então jacobino carioca e nacionalista José Honório Rodrigues, homem de arquivo mas de combate, crítico feroz da Conciliação, odiado pelos salazaristas portugueses, que descortinava para nós a importância da *Historiografia enquanto disciplina e método de trabalho*. (Entre parênteses, recorde-se que Zé Honório – como o chamávamos – não aceitou participar de concurso para o preenchimento do lugar de Emília Viotti da Costa nesta Faculdade, em protesto).

Mas foi Caio Prado Júnior quem então mais me marcou. Marxista paulistano, militante comunista e heterodoxo, participara da Guerra Civil Espanhola. Era um

aristocrata que rompera com os valores do estamento a que pertencia, tendo sido reso diversas vezes (inclusive no 16º batalhão, próximo da Cidade Universitária no início dos anos 70). Até hoje não entendi porque nunca deu aula na USP, antes e depois da ditadura: uma história mal explicada, em verdade muito estranha. Obscura como aliás a de Ernani Silva Bruno, Sérgio Milliet e do próprio Edgard Carone, que só muito mais tarde foi aceito pela elite do estamento departamental. Já o brilhante e iracundo Tragtenberg, judeu e gaúcho, nunca foi aceito, tendo ele e Carone sido convidados pelo professor Antônio Angarita a lecionar na FGV. Ponto para a FGV...

A propósito do Caio Prado (aristocrata comunista que insistia em que o tratássemos por “você”, rompendo com a pose estamental de outros mestres), recordo-me de conferência inesquecível que fez a meu convite, ainda eu estudante, no CEHAT em 1962. Falou sobre o Método Dialético no Centrinho Taunay, dos alunos, do qual eu era presidente, o que provocou reação de delegados do DOPS. Pelo que fomos advertidos, acoimados de ingênuos... Não éramos, embora nem de longe imaginássemos que, dois anos depois, seria desfechado o golpe civil-militar de 1964.

Não muito tempo depois, marcaram-me como intelectual e cidadão Florestan Fernandes, Antônio Cândido e Raymundo Faoro, sucessivamente e nessa ordem, aliás os três personagens principais de meu livro **Ideologia da Cultura Brasileira**. Tese que, defendida em junho de 1975, só poderia mesmo ter lugar nesta Escola, à sombra do Diretor Eurípedes, e com o apoio intelectual e pessoal de alguns colegas, sobretudo de meu amigo Alfredo Bosi, que me aconselhou em momento de hesitação, no café que existia embaixo desta Congregação, com estas palavras singelas: “seja fiel a si próprio neste seu momento, e vá em frente...”. Respirei fundo, criei coragem e fui!

Naquele mesmo ano fatídico do assassinio de Vlado Herzog, em outubro, nos reencontráramos todos aqui embaixo, no bar vazio, sob a coordenação de Antônio Cândido (que, tirando o paletó, arrastou mesas para nossa “plenária”) e Maria Isaura, para discutirmos o que fazer perante tanta violência fora de controle... Quem quiser saber mais e tiver nervos, curiosidade e sensibilidade para entender aquele tempo, leia o livro **Meu Querido Vlado**, de Paulo Markun, ou **Iara**, de Judith Patarra. Ou assista o documentário de João Batista de Andrade sobre Vlado Herzog.

Antes, porém, eu tivera a sorte de iniciar meu caminho na Biblioteca Municipal, como simples auxiliar de escritório, na mesma sala da Diretoria onde Sérgio Milliet encerrava sua luminosa porém discreta gestão. Sóbrio, crítico, generoso, multidisciplinar, cosmopolita e boêmio, Milliet, *intelectual obliquo* (como o definiu Alambert), me marcou. Em nada lembrava aquela avassaladora auto-estima dos catedráticos uspeanos e mesmo de seus pomposos assistentes, dos auxiliares de ensino e de algumas “assistentes du coeur”(a expressão é de Fernand Braudel), que o Diretor Eurípedes tanto arreliviava. Para mim, **Milliet, homem-ponte**, fazia a conexão entre o *espírito voltairiano* de meu avô Moura Santos, discreto educador da turma de Sud Menucci e Amadeu Amaral, e o *laicismo* de nossa Faculdade, porém com a marca existencial e cético-crítica atuante de seu grupo-geração, que incluía Luís Martins, Paulo Duarte, Júlio de Mesquita Filho, Arnaldo Pedroso Horta e outros. Visto que nossa Faculdade fôra criada, como reza o seu Estatuto, para formar *professores e pesquisadores* (nesta ordem), o registro millietiano – com um pouco de Malraux, Gide, uma pitada de Aimé Césaire, mais Alcântara Machado e João Antônio - amaciaria meu jacobinismo militante, dando outro sabor às aulas e inspirações para orientação de novos pesquisadores. Milliet, vivo estivesse, não teria seu curriculum vitae aprovado pela CAPES, pois detestava a burocracia, inclusive a universitária...

Por fim, eu seria ingrato se não mencionasse o quanto aprendi, a partir de 1964, nos primeiros anos de docência e pesquisa junto à Cadeira de História Moderna e Contemporânea. Testamos teorias, autores, exercitamo-nos na crítica historiográfica e ideológica, num *balancez* entre o liberalismo conservador e as ambigüidades do catedrático, o velho professor França, e nossa iracúndia de *juvencos* (como Eurípedes nos denominava), ainda assistentes que nos formáramos num mundo de reformas, descolonização radical e idéias de revolução para atuar em outro, após 64, de regresso, de contra-revolução, de volta ao atraso. Mundo em que nos radicalizámos, *malgré nous mêmes*. Como observou Celso Lafer, aluno da Faculdade de Direito e de Letras Neolatinas em nossa Faculdade, éramos uns privilegiados, pois tivemos a sorte de haver estudado em ótimos colégios antes de 64, forjando instrumental para compreendermos e atuarmos em inesperadas e piores condições, depois. Nessa transição entre duas épocas, nossa “íncilita geração”, algo pretensio-

sa, sentia-se a cavaleiro da História, embora alguns de nós tenhamos sido logo apeados, custando a entender os novos tristes tempos.

Em nossas salas de aula, acompanhávamos com apreensão a mudança de rumos da História. De tudo ficando um pouco, para mim permanece a importância dos seminários-aula coletivo em nossa disciplina de História Contemporânea, com França catedrático, Novais e meu colega de turma István Jancsó, em que treinávamos jovens candidatos à docência e pesquisa, com preocupações conceituais e até teatrais (o que não era difícil para o velho França que, segundo Eurípedes, tornara-se conservador depois de beber das águas do rio Mondego, em Coimbra...). É época em que a Faculdade se esmerava em **formar professores** para a rede escolar. Com o professor França - apesar de sua dificuldade de concluir um pensamento, uma aula ou a leitura de uma tese - e, com Novais, aprendi a dar aula de História.

Uma nova mentalidade: a nossa Faculdade de Filosofia

Deixemos porém de lado a “petite histoire” biografizante, retendo a idéia da importância de nossa Faculdade, então polo animador da USP, naqueles idos 50 e 60, anos de **formação de uma nova mentalidade universitária neste país**. Desenharam-se então *novas formas de pensamento reformador* de vanguardas culturais, científicas e verdadeiramente interdisciplinares, com implicações políticas. Uma *nova postura* intelectual neste país, marcado pela crítica ao ensaísmo ingênuo, ao impressionismo, ao parnasianismo retardatário. Recorde-se que tom geral da vida universitária era outro, muito animado e criativo, e a FAPESP e a SBPC constituem duas das melhores construções institucionais daquele momento. Nas escolas públicas, nos Colégio de Aplicação, Escolas Vocacionais e em algumas escolas do ensino particular destacavam-se as atuações de professores do nível de Maria Nilde Mascellani e de meu amigo dramaturgo Jorge Andrade, de Dante Moreira Leite, Maria da Penha Vilalobos, Maurício Tragtemberg, Décio de Almeida Prado, Lucy Wendel, José Arthur Giannotti, e dezenas de outros, espalhados pelo Estado de São Paulo, em sua quase totalidade representantes dessa nova postura e visão de mundo científico-cultural que nossa Faculdade de Filosofia cultivava. No interior, tais professores-Atualizadores contrapunham-se à

cultura de campanário de uma igreja católica reacionária anterior a João XXIII (que aliás pouco ou nada se modernizou até hoje, se é que não regrediu), e por vezes eram perseguidos pelos padres, pelas “boas famílias” que neles viam mau comportamento, pelos delegados de polícia locais, sendo bravamente defendidos na imprensa por Paulo Duarte e por Julio de Mesquita Filho, o diretor do *Estadão* e, como disse, admirador de nossa Faculdade. Eles apoiavam a luta pela Escola Pública gratuita, laica e democrática, junto com a APESNOESP (hoje APEOESP), então dirigida por Clemente Segundo Pinho e Deusdâ Magalhães Mota, formados nesta Faculdade, contra o ademarista e corrupto padre Baleeiro e contra o atrabiliário governador Jânio Quadros, enfrentado por Cruz Costa e mais membros desta Congregação.

Aqueles mestres e jornalistas, dentre eles os irmãos Abramo, o jovem Mino Carta, José Reis e outras figuras transcendentais, eram gatos pardos de variada procedência, que se reconheceriam e se aliarão mais tarde, na noite da ditadura que se abateu neste país em 1964, e sobretudo após o golpe de 68. Traziam a marca, o apreço e a admiração pela nossa Faculdade de Filosofia, a *escola* (vale repetir) de Livio Teixeira, Cruz Costa e Fernando de Azevedo a Mario Schemberg, Aroldo de Azevedo, Rocha Barros, Simão Mathias, Azis Simão, Aziz Ab’Saber, Ruy Coelho, Pasquale Petrone, Soares Amora, Egon Schaden, Antonio Candido, Lourival Gomes Machado, Isac Nicolau Salum, Florestan, Duglas Teixeira Monteiro, Carlos Lyra, Fernando Henrique Cardoso (futuro presidente da República), Luiz Edmundo Magalhães, Octávio Ianni, Crodowaldo Pavan (e de mais novos, como Luiz Pereira e Celso Beisigel, dentre tantos outros).

Havia mulheres sim, como Gioconda Mussolini, Carolina Bori, Emília Viotti, Paula Beiguelman, a já referida Maria Isaura Pereira de Queirós, todas muito abertas e modernas, como Cleonice Serôa da Mota Berardinelli, que desenvolveu brilhante carreira intelectual no Rio. Mais tarde Eunice Durham, Walnice Nogueira Galvão, Maria Sílvia de Carvalho Franco, Lea Goldstein, Maria Adélia de Souza, Diva Amato, Leyla Perrone, Rosa Ester Rossini, Marilena Chauí, Maria de Lourdes Janotti, Suely Robles de Queirós, as saudosas Ruth Cardoso e Carmut... Todos e todas carregavam, ou carregam, em suas formações, aulas e projetos as melhores heranças das Revoluções Francesas (1789 e sobretudo de 1793), das idéias de Lakanal a André

Malraux e Michel Foucault ao “dernier cri” da Escola dos *Annales* - escola mais citada que aplicada de fato, é verdade. Inspiravam-se nas lições de Lévy-Strauss (que, segundo o irreverente Darcy, nosso paraninfo em 1964, não gostava muito de índio mas de “estruturas”...), de Maugüé, de Bastide, Monbeig, matizadas por idéias e métodos da cultura anglo-saxônica de John Dewey, Whitehead, Malinowski, Herskovits, e temperadas pela literatura anglo-saxônica em geral.

Vizinha da Maria Antonia, a Escola Livre de Sociologia e Política, escola irmã da nossa, como a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (da qual Eurípedes e Lourival Gomes Machado foram Diretores “emprestados”) e a FAU do Mackenzie, também animava as pesquisas, testando teorias e aplicando métodos e técnicas (Darcy e Florestan, dentre outros devem muito àquela Escola). As ruas Maria Antônia, Maranhão, Itambé, a praça Leopoldo Fróes, mais a Biblioteca Municipal na rua da Consolação, a Livraria Francesa na rua Barão de Itapetininga e o “Filé do Moraes”, no fundo da ronda da noite na Avenida São João, na Praça Júlio de Mesquita, delimitavam as fronteiras do nosso “Quartier Latin”, definindo a “nossa praia”... Antes, o chá “chic” e discreto na Vienense, o Nick Bar (tema de música cantada por Dick Farney), depois o chocolate da Leitaria Americana, a Leitaria Capo Belo, o Paribar (com a mesa 5, de Sérgio Milliet), o bar Arpège, o velho Almanara e, mais tarde, a barulhenta Galeria Metrôpole, tornaram-se os “points” de várias gerações...

Pela Biblioteca Municipal Mário de Andrade, no tempo de seu Diretor Milliet, passaram Nicolás Guillén, Sartre e Simone, Alfred Métraux, Braudel, Jaime Cortesão, Richard Morse, Robert Frost e William Faulkner, dentre tantos. Sobre o genial Faulkner (“o passado nunca morre; ele nem é passado”), conta-se que, dado seu estado etílico, mal lobrigava os prédios da avenida Ipiranga, imaginando-se ainda em Chicago (“O my God, perdi o avião!”, exclamou certa vez, ao abrir a janela de seu quarto de hotel...O Hotel era o Terminus, e em seu bar ecoam várias histórias, o que explica até o título de um livro de Milliet, **Terminus Sêco**).

Na Biblioteca circulava uma infinidade de brasileiros, como Ernani Silva Bruno, Rubens Borba de Moraes, Luís Saia, Sérgio Buarque de Holanda, Arnaldo Pedro

Horta, o antropólogo germano-brasileiro Herbert Baldus, e uma infinidade de artistas, como Fayga Ostrower, Odriozola, Rebolo, Manabu Mabe, Solano Trindade, Odeto Guersoni. O diretor Milliet, com a inquieta e moderna Maria Eugênia Franco, criara um modelar Setor de Artes na biblioteca, com desenhos e quadros originais de seus amigos franceses, suíços, brasileiros e outros, que tanto atraía os jovens arquitetos. E, com as Bienais, abria janelas para os Estados Unidos.

A lista de artistas e intelectuais circulantes, do mais alto nível, seria infindável. Na Biblioteca, desenrolava-se uma vida discreta nas “celas”, das quais eu era o guarda-chaves: quantas idéias, pesquisas, namoros e segredos naquelas saletas recobertas com madeiras de lei, reservadas no primeiro andar para uso temporário de pesquisadores, professores e visitantes estrangeiros, com acesso privilegiado aos livros... Nelas, abrigavam-se personalidades ou mesmo iniciantes, como Roberto Schwarz e Carolina Bori, que conheci então. Muitas vezes a conversa se esticava com alguns deles na antesala da Diretoria, no período da manhã, enquanto os diretores dormiam em suas casas, refazendo-se da madrugada anterior...

Pois bem: foi nesse caldo cultural que brotou e se desenvolveu aqui *um pensamento próprio*, abrangendo todos os quadrantes, obtido e aprimorado por novas metodologias e técnicas de pesquisa, e balizado por teóricos nacionais e internacionais reconhecidos mundialmente. Por volta de 1964, nossa Faculdade de Filosofia já estava consolidada e começava a incomodar o *establishment* com seus formandos iracundos, reformistas. O golpe civil-militar viria soffrear nosso desenvolvimento e o golpe dentro do golpe de 68 tentaria abalar ainda mais os alicerces de nossa Escola. Com as cassações de algumas das melhores cabeças - *porém não de todas, grife-se ! -*, a nova ordem estabelecida imaginava que, com IPMs e o controle dos colegiados e da carreira fechada, o pensamento radical da Faculdade Filosofia seria extirpado.

Tudo fazia crer em tal disparate, porque houve migrações pessoais e institucionais, tanto para o Exterior, como para outras instituições criadas em São Paulo fora da rede oficial, como o CEBRAP e o CEDEC (de cuja criação participei).

Além da Reforma de 1970, por nós combatida, que partilhou a antiga Faculdade, dando origem aos atuais Institutos de Física, de Química, de Matemática e Estatística, de Biociências, de Psicologia, a Faculdade de Educação etc. Todos filhos da nossa antiga Faculdade, cujo “espírito” migrou e deu frutos, que também se multiplicaram, nas Faculdades do interior do Estado e alhures, UNICAMP incluída. Registre-se que, além de muitas escolas públicas da rede escolar, alguns colégios particulares de alto nível também se beneficiaram com a formação que muitos de seus diretores e professores tiveram nesse clima científico-cultural.

@@@@@@@

A despeito dos embates, da ditadura e da partilha, nossa Faculdade não morreu. Houve um grupo-geração intermediário - então por volta dos 30 e 40 anos - que, associado a antigos professores como José Cavalcanti de Sousa, Antônio Cândido e Azis Simão (para citar três nomes apenas), à sombra do decano Eurípedes Simões de Paula, manteve acesa a chama do que restou da antiga Faculdade. Em 1978, com a morte trágica deste, o professor Azis assumiu o papel de *condotieri* da Escola e deu início à resistência antimaluf e contra a Direita instalada no campus (registros do DOPS existentes no Arquivo do Estado mostram que muitos mestres foram seguidos, vigiados em salas de aula, até pelo menos 1984). Em alguns anos, tardiamente, dada a pressão dos novos professores, os catedráticos viram abalado o seu poder, após renhidas batalhas abriram-se concursos, criaram-se e se afirmaram os cursos de pós-graduação inovadores e para nossa Faculdade confluíram colegas de outros Estados, novos polos da cultura universitária (chegávamos, cada professor com doutorado, a ter 15 ou mais orientandos!!!). *Tratava-se de um difícil trabalho de resistência, e àqueles colegas, funcionários solidários e alunos presto aqui minha homenagem.*

Jamais esquecerei a experiência que vivi nos anos 80, quando fui eleito chefe do Departamento de História com o **voto paritário** de uma parcela dos professores, dos funcionários e alunos e pudemos mexer um pouco (não tanto quanto o ne-

cessário) nas estruturas viciadas. E aqui faço uma homenagem aos meus Colegas de Departamento na pessoa da professora Sylvia Bassetto, então combativa Assistente de Chefia, com a qual participei de incontáveis assembleias de alunos, professores e funcionários, nos períodos diurno e noturno. Cansativas porém produtivas, onde aprendemos muito.

Recordo que os alunos haviam deflagrado inúmeras greves contra a autocracia instalada no Departamento, e aqui os homenageio na pessoa do professor Modesto Florenzano, atual Vice-Diretor, que liderou um movimento memorável e toda a sua geração perdeu um ano escolar... Pouco depois fomos eleitos para a direção desta Faculdade, em disputa com o saudoso João Alexandre, José de Sousa Cavalcanti e Ítalo Carone, pelo voto direto dos professores, funcionários e alunos, não tendo porém tomado posse, dada a dura reação de um dos inúmeros reitores medíocres que ocuparam o poder até a eleição de José Goldemberg, inquieto membro de nossa Faculdade e da Poli. Discutimos a fundo, publicamente, o presente e o futuro desta Escola.

O “espírito da Faculdade de Filosofia” não morreu, apesar de tudo, e a despeito continuar fracionado e desmobilizado pela divisão ideológico-institucional do trabalho intelectual. Pois a vida em nossa Faculdade continuou e continua bastante compartimentada, os Departamentos isolados em si mesmos, aliás como em quase todas as Faculdades da USP, que continuam bem satisfeitas com o *statu quo*... Nesse sentido, reiteramos nossa ***crítica à existência de divisão da Faculdade em departamentos***, crítica hoje já antiga, de mais de 20 anos.

Mais tarde, o espírito de nossa Faculdade reacendeu-se também no Instituto de Estudos Avançados, onde antigos professores cassados ou não, titulados ou não, se reconheceriam como velhos *compagnons de route* na aurora de uma longa madrugada, trazendo para nosso meio *intelectuais não universitários*, como Jacob Gorender, José Paulo Paes e Hans-Joachim Koellreuter, e de visitantes como Richard Morse, Christopher Hill, Boaventura de Sousa Santos, Anibal Quijano, M. Moreno Fraginals (um cubano heterodoxo, defensor da Revolução de 1959 e amigo do Che Guevara,

historiador crítico que o regime entretanto não engoliu – outra história mal contada...). E de passantes como Eric J. Hobsbawm, e conferencistas notáveis como Marc Ferro e Carlo Ginzburg, estes em associação com o Departamento de História.

Mas a criação do IEA – que se deve à iniciativa de muitos professores, como os saudosos Rocha Barros e Pavan, dentre tantos - é um outro capítulo, aliás de sucesso, diversamente do natimorto Centro de Estudos do Terceiro Mundo que tentámos criar aqui na USP, também na gestão do reitor Goldemberg, sem êxito, apesar do apoio da Reitoria, de Milton Santos, Antônio Cândido, Rocha Barros, Darcy Ribeiro (Rio de Janeiro), Leopoldo Zea (México), Enrique Amayo Zavallos (UNESP) e vários outros Colegas. O fato é que a USP não se pensa no Terceiro Mundo; só muito rara e localizadamente.

@@@@@@@

Hoje, minha relação com a Faculdade está bem equilibrada. Não sem algum prejuízo familiar, e aqui peço que minhas filhas queridas me redimam dos muitos tempos de convivência que lhes roubei. Espero que me apreciem, apesar desse tempo perdido – e agora reencontrado em suas companhias.

Dei o melhor de mim para esta Escola, em salas de aula e nos colegiados, onde fui representante dos assistentes, dos doutores, dos livre-docentes. Também no Centro de Estudos Taunay, na SBPC e na ADUSP, confesso que atuei. Em 1977, Eurípedes fez-me Presidente da Sociedade de Estudos Históricos, fundada em 1950 por ele, Odilon Nogueira de Matos, Caio Prado Júnior, Pierre Monbeig, dentre outros; logramos organizar vários eventos, sobretudo o de Fortaleza em 1979, na SBPC, em que discutimos o Mundo Luso-Afro-Brasileiro após a descolonização e a Revolução dos Cravos, com os saudosos Severo Gomes, Michel Debrun, Augusto Abelaira (o tradutor de Huizinga para o português) e Aquino de Bragança (o amigo de Samora Machel e ideólogo da Revolução Moçambicana, que morreu com Samora na queda

do avião presidencial). Na oportunidade, Aquino, com seu uniforme da FRELIMO, veio conhecer São Paulo, por instigação de Darcy Ribeiro, tendo sido acolhido por Severo e nosso grupo. Apesar da ditadura no Brasil, idéias de descolonização, reforma e revolução alimentavam nossas inquietudes.

Em 1974, participei da montagem da Pós-Graduação em História, ao mesmo tempo em que defendia alunos e professores o quanto pude junto à Reitoria, controlada pelos serviços de segurança, que bloqueavam as contratações de jovens valores, tidos por "subversivos"...Na Reitoria, imperava uma Direita esperta, com traços explícitos de antissemitismo.

Já defendia publicamente - e ainda defendo - **eleições diretas para a função de Reitor da USP** (e também de outras universidades, como a Federal de São Carlos, em que tal solução deu muito certo) e ainda para a Direção das Faculdades, tendo participado de disputas reitorais aqui e na Universidade Federal de São Carlos, por indicação da comunidade. Na competição para a Reitoria da USP, logo de saída perdi para o Goldemberg e outros, mas após sua vitória e a seu convite, pude ajudar na criação do IEA, como seu primeiro Diretor, com participação de vários colegas notáveis, professores e pesquisadores de alto mérito. Mentis abertas e interdisciplinares.

Aprendi muito com meus colegas desta Faculdade, do nosso Instituto e vários da Universidade em geral, fiz grandes amigos, uns poucos desafetos, estes em geral conservadores ou mesmo reacionários. Pois tomara a sério as palavras de Antônio Cândido sobre a missão dos professores da FFCL, na *Plataforma da Nova Geração* (1944):

"O nosso papel é o de combater todas as formas de pensamento reacionário"....

Tais palavras de ordem foram tomadas ao pé da letra por muitos de nós. Ora, o pensamento reacionário vicejava para valer *em todos os planos* - até 1982, 83, e mesmo depois. Basta dizer que em 1982 o nome de Vilanova Artigas, cassado pela ditadura, foi vetado pela Congregação desta Faculdade para participação em simples banca de Dou-

torado *nesta Escola*, pois ele não possuía o título de Doutor, embora fôsse profissional de *Notável Saber* reconhecido nacional e internacionalmente!!! Submetido seu nome à votação para obtenção desse título, que lhe permitiria participar do júri do referido concurso, perdemos por dois votos...Lembro-me dos nossos brados de protesto e raiva, sobretudo do indignado Aziz Ab'Saber. Poucos meses depois, já doente, Artigas seria reintegrado à carreira por meio de concurso público, no posto de Professor Titular da FAU, o mais alto, em acontecimento memorável. Foi, aquele, mais um momento triste na História de nossa escola que, pela ação de professores de direita aqui enquistados, protagonizou um ato vergonhoso, como outros que ocorreram pelo país afora no período ditatorial:

"O que fizeram comigo [*a cassação e tudo o mais*] foi uma molecagem!" disse Artigas ao final do concurso.

Foi mesmo.

Nesta Faculdade, dediquei-me à disciplina História Contemporânea, da qual me tornei Titular em 1983, e de História Social das Idéias, inspirado desde logo pelas obras de Lucien Febvre e Huizinga, depois no velho Luis Trénard, mais tarde sintonizado com as idéias e teorias de Michel Vovelle, combinadas com as de Caio Prado Júnior, Florestan e Faoro, dentre outros. Ideologias, mentalidades, formas de pensamento...eram dois conceitos e uma expressão que me diziam muito, e procurei ir fundo nessa direção.

Diga-se porém que nem sempre foi fácil a aceitação da *contemporaneidade* em nosso Departamento, tanto que meu concurso público para Professor Titular foi brigado e articulado por Azis Simão e João Batista Borges Pereira, quando o Diretor era Ruy Coelho, todos do antigo Departamento de Ciências Sociais.

Ao mesmo tempo, em vários foruns (ADUSP, SBPC, AASP), travamos a boa luta pela redemocratização do país. Mas foi *nesta sala da Congregação, um salão de pequena nobreza distante da pólis e da Maria Antônia, diverso sobretudo da faustosidade da Faculdade de Direito*, que aprimoramos nossas *idéias sobre o papel e o lugar da universidade* em nosso complicado país. Com Aziz Ab'Saber, Azis Simão, Petrone, José Pereira de Queirós, Luiz Pereira, João Alexandre, Cavalcanti,

Mary Lafer, Italo Caroni, Alfredo Bosi, Marilena Chauí, Maria Sylvia e tantos outros colegas, creio que cumprimos nossa missão, o desafio histórico daquela hora.

Pensando bem: creio que sou muito mais *devedor* do que credor de nossa Faculdade, onde colhi experiências e amigos que levarei para o resto da vida.

Quanto ao futuro de nossa Faculdade

E as novas gerações de professores? Embora algo desmemoriadas, felizmente já estão libertas dos miasmas dos antigos catedráticos e dos fantasmas que alguns de seus ex-assistentes continuaram a cultivar durante um bom tempo, com as nobres viseiras catedraticais, já distantes da tacanha mentalidade hierárquica, bloqueadora de iniciativas, que tivemos que enfrentar. Nada obstante, que fiquem atentas, pois as tais *remanescências estamentais* permanecem fortíssimas nesta sociedade de classes em condição periférica, como analisou o professor Brasília Sallum Júnior. A tradição, entre nós, não é de modernidade, pois não nos livramos completamente da mentalidade escravista, corporativista, burocratizante e coronelista.

Apontando horizontes, neste clima de mal-estar civilizacional, hoje tão acentuado em nosso país, penso que nosso papel é o reintroduzir, com insistência, a discussão sobre o que já se chamou um dia de **Questão Nacional**. Ou de **Projetos de Nação**, para reauecermos as preocupações maiores de José Bonifácio, Frei Caneca, Teófilo Otoni, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e, mais próximos de nós, dos saudosos Debrun, Faoro, Florestan, Celso Furtado, José Honório Rodrigues, Barbosa Lima Sobrinho, Caio Prado Júnior e Severo Gomes. Temática fundamental ainda cultivada por Bresser Pereira, Nestor Goulart Reis, Joaquim Falcão, Wanderley Guilherme, José Murilo de Carvalho, Leandro Konder, Eduardo Portela, Alberto da Costa e Silva e tantos outros intelectuais mais jovens que vêm pensando o país, tentando decifrar, em perspectivas diversas, as vicissitudes e impasses deste Estado-nação e de nossa cultura. Para o que se torna imprescindível a reposição, com discussão histórico-historiográfica atualizadora, de um **projeto nacional**.

Nosso papel?

Por certo é o de ajudar na sinalização histórica para a construção de um futuro melhor, de uma *sociedade efetivamente democrática*, pondo abaixo a sempre renovada tradição oligárquica e o conceito de cultura estamental-escravista que embasa esta arraigada tradição neocoronelística, por vezes disfarçada como “moderna”. Saltam aos olhos algumas questões:

1. Já não é passada a hora de se repensar a Universidade numa era de cultura digital, sem os engodos de Educação à Distância e outros, reforçando-se, em contrapartida, a **formação humanística**, presencial e de boa qualidade, como se faz em Harvard (universidade particular bem financiada, sempre citada porém de fato pouco imitada por nossas elites), na Columbia, na Escola de Altos Estudos de Paris, na Sorbonne, na Freie Universität de Berlin, em Berkeley, em Princeton etc?
2. Na USP, qual deve ser o *novo lugar* das Ciências da Cultura? E das Ciências da Vida? Numa instituição veneranda, porém tão desmemoriada, qual deverá ser o *novo lugar* dos Estudos Históricos?
3. A instituição **Departamento** não se apresenta hoje demasiado anacrônica?
4. Como olhar a sociedade atual, enfrentando coletivamente, *enquanto Escola*, temas substantivos? Sabemos muitas respostas, mas em geral, formulamos mal a perguntas. E observam-se muitas derrapagens nas soluções e, sobretudo, nas aplicações efetivas.
5. Não terá chegado o momento de deixarmos de lado as vagas discussões sobre o imaginário, falsos novos objetos, “outros olhares”, generos e tantos novos/velhos modismos? etc
6. Não passou da hora de voltarmos nossa atenção e atuação para **temas deveras substantivos**, para evitarmos - citando novamente Milton Santos - o risco de con-

fundir o *modo com a moda*? **Quais temas, porém?** O Atlântico, por exemplo, que está aí, examinado em suas múltiplas dimensões histórica, geográfica, geopolítica, ecológica, econômica, biológica etc. Outra questão é a da **água** e da **poluição**, e nosso IEA está editando números temáticos densos sobre esses e outros temas-problemas candentes. Tema gritante é o das **crianças**, *ainda e sempre* nas ruas, na prostituição a poucos metros daqui, na miséria... E avulta a temática da crise da cidade, ou melhor, das **anticiudades** que vicejam em nosso país, sobretudo esta já inviável São Paulo metrópole. Uma cidade-pânico, de que fala Paul Virilio.

Tema muito mais próximo e “melhor alimentado”, a ser tratado com urgência, antes de discutirmos “cotas”, é o de “**nossos alunos**”, que constituirão os novos quadros do amanhã. Ainda mal sabemos *quem são* e *o que pensam* nossos alunos, suas necessidades, seus horizontes político-culturais e valores, suas ansiedades em face do mercado que os espera, nesta quadra histórica em que as chamadas profissões liberais foram proletarizadas. O mesmo valendo para a *atualização* (conceito caro a Anísio Teixeira) de nossos Colegas funcionários, ainda presos a formas, fórmulas, espaços e salários desatualizados, como se constata em movimentos arcaizantes como os atuais.

7. Não chegou a hora das novas gerações servirem-se mais das lições do *montagnard* Florestan, que nos últimos anos da vida se preocupava menos com “nossas raízes” do que com os *desenraizados*?

Concluindo: da nossa (in)atualidade

Por fim, creio que o mais importante papel que, a curto prazo, a Universidade poderá vir a ter já foi sintetizada pelo professor Aziz Ab'Saber, que nos honra com sua presença:

“A gente que trabalha na universidade tem a obrigação de contestar os cretinos”.

(entrevista à revista **Forum**, julho de 2007)

Eu completaria a tese de Ab'Saber dizendo: nesse ponto, não temos sido eficientes e corajosos, inclusive em relação a alguns deles que vagam dentro da própria universidade, dentro e fora de colegiados e em postos de comando, nos sindicatos, no movimento estudantil.

Poderia terminar por aqui, citando Mário de Andrade, quando no fim da vida se dirige aos jovens, em 1943:

“Não fiquem aí parados, *espíões da vida*, marchem com as multidões”

Carrego porém uma dúvida grave que desejo compartilhar com todos, bem como meu honroso e talvez imerecido título de Professor Emérito por esta Faculdade. E que deriva da leitura de um comentário do crítico Eduardo Portela à obra de Florestan, **A Revolução Burguesa no Brasil**, publicada na revista **Tempo Brasileiro**, em dezembro de 1995. Nele, o crítico coloca em questão nossa “modernidade”, ou em outros termos, nossa preocupante e grave inatualidade:

“No início do III milênio [diz Portela], ainda nos encontramos às voltas com o legado moderno, sem saber ao certo o que ele possa ter de **lição** e de **mal-entendido**”.

Creio que aí está o xis do problema. Muito obrigado.

USP

Universidade de São Paulo



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Serviço de Comunicação Social

Serviço de Artes Gráfica